



MIGRAÇÃO E MECANIZAÇÃO CANAVIEIRA EM ALAGOAS: OS RECENTES CONTORNOS DA PRODUÇÃO SUCROALCOOLEIRA E OS MECANISMOS DE ESTRUTURAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES NUM CONTEXTO DESIGUAL DE PODER E AGÊNCIA¹

JOÃO PAULO SANTOS²

RESUMO: Este breve artigo tem por objetivo apreender parte do universo de relações que envolvem os canavieiros do setor sucroalcooleiro do estado de Alagoas, tendo como uma de suas premissas o Estado como órgão regulador e legitimador de determinados conflitos e dominações que permeiam o complexo agroindustrial alagoano. Traçaremos esta análise sob o aparato teórico e metodológico das contribuições dos autores da sociologia e da antropologia contemporânea, tais como Pierre Bourdieu, Parry Scott, De Certeau e Ortner. Este artigo parte de uma desconstrução do estudo do próprio objeto, visto que vem sendo em grande medida abordado através da perspectiva marxista, perdendo significativamente alguns elementos próprios desse contexto, sendo necessário ampliar e redimensionar o olhar para as frequentes transformações que engendram no mundo do trabalho canavieiro alagoano.

PALAVRAS-CHAVE: Alagoas. Canavieiro. Migração. Mecanização.

INTRODUÇÃO

O universo do trabalho canavieiro em Alagoas vem passando atualmente por uma série de transformações que acompanham o novo e dinâmico cenário da economia capitalista global; transformações que evidenciam um novo rearranjo na divisão e organização do trabalho, assim denominada por alguns sociólogos como *reestruturação produtiva* (Antunes, 1998; Scopinho, 2005). É certo afirmar que tais transformações estruturais alteram significativamente a vida cotidiana de trabalhadores rurais do corte da cana que extraem dela o seu principal sustento.

No entanto, nos cabe indagar até que medida o próprio Estado intervém para que a lógica desse processo se mantenha a mesma por décadas. Sob a luz do sociólogo Parry Scott, percebemos o quão tênue é a relação entre Estado e Capital e como o primeiro se utiliza de mecanismos que desfavorecem largamente a composição dos camponeses (os migrantes do sertão alagoano), quanto a de operadores de máquinas colheitadeiras (recentemente implantados após o processo do corte da cana mecanizado) na construção dessa recente

¹ Artigo solicitado pelo professor Gilson José Rodrigues Junior de Andrade para obtenção de nota (AB2) da disciplina: Estado, família e desigualdades: numa perspectiva antropológica.

² Graduado em Ciências Sociais - UFAL, atualmente é mestrando no PPGS pela mesma Instituição. E-mail: joapaulo.cso@gmail.com.

morfologia do trabalho. Mesmo tratando a problematização dos assentamentos rurais, Scott demonstra como uma intervenção estrutural, em grande medida patrocinada pelo Estado, intervém progressivamente na vida de determinados sujeitos. Essa intervenção atende a uma lógica que certamente não se assemelha a dos atores sociais ali afetados, gerando assim uma gama de conflitos e contradições.

A pesquisa foi centrada em dois municípios atuantes no mercado do açúcar e do álcool em Alagoas, considerados significativos aos nossos estudos, pois se tratam de áreas diferentes tanto em sua composição social de organização do trabalho quanto em sua forma geofísica, o que implica numa série de particularidades que apesar de específicas se generalizam e se complementam para atender a uma determinada lógica de consumo e produção. São os municípios de Teotônio Vilela, localizado na Zona da Mata alagoana na parte sul do estado e o município de Ibateguara situado na parte norte do estado, que faz divisa com o estado de Pernambuco. O primeiro já aparece na literatura especializada como localidade privilegiada para pesquisa de campo, pois este município nasceu às margens da Rodovia Federal AL-101, em que lhe favoreceu, desde o início dos anos 1980, um significativo intercâmbio de pessoas e mercadorias. Heredia (1988) destaca que a feira do município de Teotônio Vilela (na época, chamado município de Feira Nova) recebia povos de diferentes regiões do Estado e era um dos principais polos de concentração de trabalhadores canavieiros por ser de fácil acesso e situar-se próximo a uma das principais usinas da região, a Usina Seresta.

O segundo, o município de Ibateguara, se apresenta por um relevo de aspecto montanhoso e com vários declives. Nessa região não se inseriu o corte mecanizado devido à irregularidade do relevo, contudo, constatamos práticas da colheita da cana que se assemelham as narradas por Manuel Diégues Jr. em sua obra magistral "*O Banguê das Alagoas*". Trata-se aqui do cambiteiro, aquele que amarra a cana e a coloca sobre o burro, resultando assim na atividade da cambitagem. Tal atividade laboral é descrita por Diégues Jr. como resquícios da Idade das Trevas.

Nesses municípios foram realizadas a aplicação de questionários semiestruturados e a confecção de diários de campo, frutos de uma intensa participação dos pesquisadores em campo para compreender empiricamente os processos que incidem nesse universo.

É dentro do contexto acima apresentado que emerge a mais recente indústria do álcool e do açúcar em Alagoa que, por um lado, se aplica uma forma de racionalização para ampliar lucros e reduzir custos (a empresa enxuta), e por outro, desmonta toda uma lógica social anterior que provoca os desarranjos aos quais examinaremos. Ainda assim, é sob a ótica dos conceitos trazidos por Bourdieu (capital cultural, capital econômico e capital social) que iremos traspor as explicações que se restringem ao economicismo marxista e suas demais

correntes de pensamento, além das significativas contribuições de Scott, Ortner e De Certeau, que ampliaram o nosso leque de investigação.

O campo de trabalho dos canavieiros

O conceito de *habitus* apresentado por Bourdieu (2007) nos ajuda a compreender a divisão do trabalho nos canaviais pautada sobre critérios sexistas que colocam os homens como portadores de elevada força física – por isso o maior número de homens empregados no corte de cana – e a representação das mulheres como portadoras de maior destreza e habilidade nas mãos – justificando, assim, o emprego delas na atividade da colheita da laranja e colheita da bituca (recolha dos pedaços de cana).

Entendemos que os trabalhadores e as trabalhadoras estão submetidos a um sistema de disposição que tende a produzir determinadas práticas que se ajustam à estrutura. Esse ajuste de práticas nada mais é que o *habitus* incorporado no decorrer das trajetórias de mulheres e homens trabalhadores.

O campo se mostra ainda mais complexo, hierarquizado e repleto de símbolos; as predisposições dadas a cada sujeito ou grupo de indivíduos é estabelecida de forma hierárquica e seletiva, dentro de critérios que nem sempre são imparciais, fazendo transparecer o que Bourdieu chamaria de capital social, como critério de seleção de cortadores de cana, além do *habitus* como já foi minimamente transcrito acima.

Ainda com relação aos homens, recai o peso da masculinidade, ancorado em elementos como o enfrentamento e a coragem. Tal atribuição acaba por gerar, na atividade de corte de cana, a figura do “bom cortador de cana” – o trabalhador que internaliza a dominação exercida pelo fiscal³ de turma⁴ e intensifica seu trabalho cortando uma quantidade elevada de cana. A hierarquia fiscal – cortador de cana e a representação da masculinidade em elementos como o enfrentamento e a coragem produzem e reproduzem os mecanismos de dominação que fazem com que as intensidades laborais no corte de cana sejam cada vez mais profundas.

Aquele que não é representado como um “bom cortador de cana” sente-se incapaz, envergonhado e inferiorizado. No caso das mulheres, o atributo do “cuidado” que recai sobre elas produz uma situação de dupla jornada de trabalho, na medida em que são vistas como as principais responsáveis pela execução das tarefas domésticas e pelo cuidado com crianças, pessoas idosas, etc. Há, ainda, o trabalho emocional, que pode ser definido como “a

³ Funcionário da usina encarregado de fiscalizar o trabalho dos cortadores de cana. Cabe a ele, a tarefa de medir o eito (espaço de corte), dar a pesagem e o preço da cana (anteriormente estabelecidos pelas usinas), e orientar de que forma deve ser feito o corte da cana, como, por exemplo: cortar rente ao chão sem deixar os “tocos” e enfileirar as canas de maneira retilínea.

⁴ Grupo de aproximadamente 20 cortadores de cana.

responsabilidade, na esfera privada, pelo cuidado com os filhos, com os idosos, com os deficientes, bem como pela manutenção das relações entre o casal” (VENOSA, 1994, p. 59). Contudo, este não é um fator generalizável, mas significativo e pertinente dentro do universo pesquisado.

Os papéis sociais são aqui explicitamente demarcados e legitimados não apenas em esfera local ou privada, mas institucionalizados por uma superestrutura que afere a presença estatal e, por conseguinte, permeia as ideias do pensamento dominante que é historicamente dada. Bourdieu ainda nos faz refletir sobre como se estabelecem as negociações em momentos de intensos conflitos (como as greves que vez ou outra viram manchetes nos telejornais locais, motivadas por alterações no modelo de contrato de trabalho⁵) que explicitam de forma mais clara as relações entre estes sujeitos e o Estado, por exemplo, uma das principais usinas do estado é de propriedade legítima do atual governador. Isso implica numa relação mais que direta com os próprios representantes do governo, sendo neste caso, o patrão do trabalhador e ao mesmo tempo o seu representante nas questões e decisões públicas. Portanto a legitimação desse processo não apenas advém do movimento global do capital financeiro, mais sim, de uma concordância dos próprios detentores do poder em seus cargos de influência.

Entretanto, esses sujeitos do trabalho não recebem as implicações negativas desse processo de forma passiva, e isso não se apresenta apenas nas greves que transmitem os noticiários, mas também em seu próprio campo de trabalho, ou seja, durante a realização diária do corte manual da cana-de-açúcar, onde são criados mecanismos de defesa que visam burlar as exigências de um corte rente ao chão ou mesmo de um trabalho polivalente. Nesse nível a relação é tecida com o *cabo* (agente que fiscaliza o trabalho no campo) no qual é perceptível determinados conflitos, principalmente no que se refere à pesagem da cana feita pelo mesmo, mas frequentemente exercida pelo fiscal que revela ao cortador quanto receberá por ela. O peso é um aspecto mais interessante desse processo, pois seu preço já é definido por uma esfera maior (usina e mercado) e a negociação se dá em esfera menor (o cortador de cana e o cabo/fiscal) demonstrando assim os tipos de relações diretas e indiretas que se desenvolvem nesse ambiente de trabalho.

Nesse sentido, Ortner (2006) ao trabalhar o conceito de agência, nos dá a relação que norteia o poder estabelecido e sua interação com os atores sociais, dessa forma:

Por muito tempo, interessou-me a questão de como as pessoas mantêm uma vida

⁵ Das 24 usinas de Alagoas, 16 adotaram o contrato temporário na safra 2010.11. Segundo um dirigente da FETAG-AL, ocorreram mais de 20 greves e paralisações durante a moagem de 2010-2011, sendo que 13 dessas bloquearam rodovias. Essas informações foram colhidas no site da FETAG-AL: <http://www.fetagal.org.br/>

culturalmente significativa em situações de dominação em larga escala por parte de outros poderosos – escravidão, colonialismo, racismo, etc... Em seu uso provavelmente mais comum, o termo “agência” pode ser praticamente sinônimo das formas de poder que as pessoas têm à sua disposição, de sua capacidade de agir em seu próprio nome, de influenciar outras pessoas e acontecimentos e de manter algum tipo de controle sobre suas próprias vidas. Agência, neste sentido, é pertinente tanto no caso da dominação quanto no da resistência. As pessoas em posições de poder “têm” – legitimamente ou não – o que poderia ser considerado “muita agência”, mas também os dominados sempre têm certa capacidade, às vezes muito significativa, de exercer algum tipo de influência sobre a maneira como os acontecimentos se desenrolam. Portanto, resistência também é uma forma de “agência de poder”, e já temos um repertório teórico bem desenvolvido para examiná-la. Inclui tudo: de rebeliões sinceras em um extremo, passando, no meio, por várias formas do que James Scott (1985) tão bem chamou de “fazer corpo mole”, até – no outro extremo – um tipo de aceitação complexa e ambivalente das categorias e práticas dominantes que sempre são modificadas no exato momento em que são adotadas. (ORTNER, 2006, p. 64)

Esta citação demonstra que os cortadores sertanejos migrantes, são capazes de resistir não somente mediante pela chamada micro resistência cotidiana⁶, mas também por meio de mobilização e organização em seus enfrentamentos públicos e coletivos. Neste sentido a influência de determinados líderes para a formação de greves, advém mais de um capital social e simbólico, do que, um capital econômico. Como bem observou Ortner... As pessoas em posições de poder “têm” – legitimamente ou não – o que poderia ser considerado “muita agência”, mas também os dominados sempre têm certa capacidade, às vezes muito significativa, de exercer algum tipo de influência sobre a maneira como os acontecimentos se desenrolam.

Outro dado interessante nesse contexto é a própria atuação dos atores sociais frente às diferentes situações que são expostos dia a dia no serviço do corte da cana. Situações que vão desde a negociação pelo melhor peso da cana com o fiscal, ao relacionamento com seus colegas de turma. Um cortador de cana pode durante seu dia desempenhar diferentes papéis e isso não implica que esteja mudando de função ou atividade laboral, mas transitando por diferentes ocasiões que se impõe diariamente, no qual esboça e constrói a sua reação.

Por fim, o Estado como regulador de normas e leis jurídicas, acaba por legitimar contratos que são estabelecidos sazonalmente e que refletem a precariedade do trabalho para além do serviço penoso e desgastante. São em grande medida contratos de trabalho que não garantem nenhuma seguridade trabalhista ao empregado reproduzindo assim a precariedade em larga escala. O papel do Estado sempre foi historicamente decisivo para o desenvolvimento da agroindústria canavieira como grande incentivador financeiro do desenvolvimento industrial deste referido ramo. Não só financiava os grandes projetos dos usineiros, como também os isentavam de impostos⁷. O IAA (Instituto do Açúcar e do Álcool)

⁶ Por exemplo, por meio da sabotagem aos padrões técnicos do corte e da submissão e fidelidade fingidas.

⁷ Ver Szmrecsányi; *O desenvolvimento da agroindústria canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra*

foi um dos principais órgãos estatais a emprestar grandes somas em dinheiro e eximir de impostos fiscais os usineiros, não apenas em Alagoas, mas também em estados como São Paulo e Minas Gerais, pois este órgão tinha amplitude federal.

Como forma de destacar os mais produtivos, as usinas se utilizam de um sistema de premiação, no qual beneficiam com cestas básicas, bicicletas e outros artigos os trabalhadores que mais produzem, criando assim uma atmosfera de intensa competitividade e de destaque e representação daquele cortador perante os demais, ou seja, aquele a quem a usina e os seus pares reconhecem como “bom cortador de cana”. Em uma entrevista realizada no município de Ibataguara – AL, um cortador nos relatou a seguinte situação:

P: Aqui o pessoal quando produz mais não tem um sistema de premiação?⁸

E: Aqui quando corta muito ganha uma cesta básica.

P: Corta mais quanto?

E: Eles dão uma média de 80 toneladas por quinzena.

P: Isso da quanto por dia?

E: Um 6 ou 7 por dia.

P: Na sua turma muitos ganham essa cesta básica?

E: Não.

P: Quantos mais ou menos em turma de 40?

E: De 17 a 20.

P: Metade ganha cesta básica então?

E: Sim.

P: É só cesta básica?

E: Sim.

P: Bicicleta, fogão... nada disso? Só a cesta básica.

E: Sim.

P: E o senhor corta quantas toneladas por dia durante a moagem?

E: De 10 a 11 toneladas por dia.

P: Isso no final das contas é mais do que eles pedem para dar a cesta básica, não é?

E: Sim.

P: Então o senhor sempre ganha a cesta básica?

E: Ganho.

P: E o que vem nessa cesta básica?

Mundial. 1991.

⁸ Entrevista realizada pelo Grupo de Pesquisa: Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Ibataguara -AL no dia 26 de junho de 2012.

E: Vem farinha, fubá de milho, arroz, feijão, óleo, macarrão...

P: E dá para quanto tempo essa cesta básica?

E: Somente uma semana, eles dão só para animar.

Desde modo percebemos como se desenvolvem mecanismos sutis de estímulo ao aumento da produtividade e competitividade entre os sujeitos do trabalho. Na visão bourdieusiana do Estado, percebemos aqui o afastamento ou afrouxamento do mesmo nas suas funções reguladoras, deixando que a regulação parta de um setor privado (as usinas), mas que este seja interligado com a estrutura e a ela faça a sua dança.

Os impactos do processo de mecanização no corte manual da cana e as suas implicações nos mais diferentes sujeitos do trabalho no setor sucroalcooleiro

Após dissertar minimamente sobre a condição e ambientação em que está inserido o cortador de cana, e no nosso caso mais específico o migrante sertanejo, ou seja, aquele que se desloca do sertão alagoano para o corte da cana na região da Zona da Mata nos períodos de safra, podendo ser assim classificado como um migrante sazonal. Iremos agora analisar como esta se dando o processo de mudança do corte manual para o corte mecanizado, mudança esta que não apresenta homogeneização futura, pois o relevo do estado não permite uma mecanização em larga escala. Analisemos, portanto, como a implementação desse processo incide ou influi na vida diária desses sujeitos sociais.

Os sertanejos, diferentemente dos locais, sempre foram “privilegiados” com terrenos mais planos e canas de maior qualidade. Essa relação entre os locais e os sertanejos se concretiza na medida em que a segmentação e fragmentação do trabalho, no universo canavieiro, se, de uma parte, baseia-se em supostos critérios de natureza geofisiográficas, de outra, amplia-se em suas variáveis. Conforme exposto, ao atingir quantitativa e qualitativamente novas dimensões tais como relações de gênero e geracional, configura um mercado de trabalho cuja especificidade, nos canaviais, torna-se tangível na sua atual composição social: majoritariamente constituída por jovens canavieiros, sejam eles sertanejos ou “do local”, dado o avanço ainda incipiente do desgaste (físico e mental) e de sua força de trabalho ao que vem sendo substituída pela maquinaria.

Os novos atores desse universo, ao que constatamos empiricamente, se mostram por trabalhadores mais jovens entre 19 e 25 anos, especializados, com nível médio completo e formação técnica em mecânica (exigido para a operação e manutenção das máquinas). A procedência desse novo contingente de trabalhadores é bastante variável, em que se têm trabalhadores desde as regiões da própria Zona da Mata, Agreste ou Sertão alagoano, ou até

mesmo de estados da federação como Pernambuco e Sergipe que se deslocam em busca desses novos postos de trabalho criados na região canavieira de Alagoas.

A relação que se tece entre as duas categorias (cortadores manuais e operadores de colheitadeiras) se mostra ao que De Certeau (2011) explicitaria como uma individualização frente a um planejamento “inesperado”. Os novos atores sociais se veem diferentemente dos antigos trabalhadores manuais, seja por sua qualificação profissional ou pela função dita por grande parte deles de “mais prestigiosa” que a do cortador manual. Em uma entrevista cedida por um operador de colheitadeira fica mais evidente o tipo de relação que se constrói ou vem se construindo entre as duas categorias;

P: Vocês que são operadores da colheitadeira tem chance de trabalhar ao lado dos cortadores manuais?⁹

E: Já trabalhamos. Mas eles ficam visualizando, com um olhar que você vê que eles não estão satisfeitos vendo aquela coisa que está substituindo o trabalho deles.

P: Quem não vê com bons olhos?

E: O cortador.

P: Ele não vê com bons olhos a máquina e o operador da máquina também?

E: Eu creio que o operador, ele não tem que culpar. Por que nós somos seres humanos e aquilo ali... eu estou exercendo aquilo que deus me deu. É o dom, de conduzir uma máquina.

E o meu sustento vem daquilo aí. Não fui eu quem fabricou a máquina. Não fui eu quem comprou a máquina para colocar na empresa. Eu sou apenas o operador, para conduzir a máquina. Então ele não deve criar um clima diferente com o operador. A máquina tudo bem, ele pode dizer assim, *essa danada veio...* Muitos olhavam, chegavam perto, e ficavam olhando assim...

P: Vocês conversavam?

E: Tem deles que conversam. Que dizem ‘rapaz, esse *museu* veio para tirar o sossego da gente’.

Com isso, o estranhamento não só decorre da presença utilitária da máquina em campo: ela não é em si o objeto de estranhamento total, mas a presença junto a ela de seu operador, que de forma individual realiza todo o trabalho de um número significativo de cortadores manuais. Essa distância entre os atores não se dá, portanto, apenas espacialmente, com a máquina em um lote e os trabalhadores em outro, mas simbólica e hierárquica, porém, não economicamente, já que os salários de ambas as categorias não são tão discrepantes.

A posição de destaque dentro da hierarquia social do sistema agroindustrial canavieiro,

⁹ Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Teotônio Vilela no dia 14 de outubro de 2012.

no que se refere ao ambiente do campo, se movimenta por uma lógica que se amplia da indústria ao campo, ou seja, se fizermos uma singela comparação com o modo de vida de pequenos camponeses, observaremos como os cortadores de cana estão imersos em uma lógica de produção que transcende seu universo habitual, se adequando a ela, mas não de forma estritamente submissa, como vimos anteriormente.

Assim como aponta Ortner (2006) “os indivíduos/pessoas/sujeitos sempre estão inseridos em teias de relações, de afeto ou de solidariedade, de poder ou de rivalidade, ou, muitas vezes, em alguma mescla dos dois. Seja qual for a “agência” que pareçam “ter” como indivíduos, na verdade se trata de algo que é sempre negociado “interativamente”. Mesmo se tratando de uma dominação da estrutura econômica vigente, em que suas regras e determinações parecem estar acima de qualquer manifestação humana, seja ela coletiva ou individual, social ou cultural, mas que subjuga tal estrutura e demonstre o quão as motivações podem ser reais e inventivas.

Numa primeira suposição, os canavieiros sertanejos migrantes estão a ser relocados para áreas antes não exploradas e conhecidas por eles (os morros e declives acentuados) onde o uso da máquina não é possível. Isso os coloca numa nova condição, ou nas palavras de Ortner, em um novo campo do jogo, pois agora terão de criar novas disposições e estratégias para o uso desse lugar, além das relações que serão tecidas com outros atores sociais. Entretanto, vale ressaltar que o processo migratório que se segue nos dias atuais, perpassa por uma rede de complexas relações de trabalho. Além das questões acima levantadas, o migrante de hoje não é apenas dado como os sertanejos, mas entendido de forma ampla pela inserção de uma nova e emergente força de trabalho que cobre o corte da cana mecanizado nas usinas que possuem condições favoráveis para a implementação deste processo. Como foi explicitado, trata-se de um contingente mais jovem, entre 20 e 25 anos, especializado, com nível médio técnico completo e obviamente com outra maneira de enxergar o mundo.

Em uma abordagem sociológica, o conceito de migrante implica na mudança de ambiente social aparentemente já aceito pelo indivíduo para deparar-se com um novo ambiente, tanto do ponto de vista social quanto cultural e geográfico; em que o contato com o outro pode configurar em reações negativas (como preconceitos raciais e étnicos) ou rejeição por parte do grupo local por motivos de considerarem o “de fora” como ameaça a sua estabilidade, o que implica em uma série de problemas cognitivos nos indivíduos muito fortes, sendo atualmente o que mais repercute na relação entre cortadores manuais e operadores de máquinas colheitadeiras. Os migrantes não só são moldados pelos processos sociais que geram os deslocamentos, mas também moldam esses processos (SILVA & MENEZES, 2006). Se por um lado eles encontram nas regiões de destino formas de se

apropriar dos espaços sociais por meio das lembranças, da conservação da memória coletiva, da manutenção dos hábitos culturais e alimentares (SILVA & MELO, 2009, p. 150), por outro, eles passam por um processo de desterritorialização que faz com que haja um aumento da vulnerabilidade, sobretudo em razão do enfraquecimento dos laços sociais que solidificam o processo identitário e as relações sociais de pertencimento.

Percebemos aqui a estrutura dinâmica e complexa desse universo. Para além dos dados empíricos, colhidos e *a posteriori* computados e apresentados neste trabalho, ficam implícitos os olhares e expressões dos indivíduos que foram entrevistados; olhares e gestos que diziam para além de palavras a exploração e precariedade que vinham e vêm sofrendo cotidianamente, mas que não se manifesta bruta, violenta e explícita como em outrora, mas trata-se agora de uma dominação mais sutil, psicológica e ideológica, mas que fere tanto quanto a dominação provocada pelo detrimento físico do indivíduo, fazendo com que a realidade se molde à estrutura, mas que, no entanto, são realidades que estão dentro de ilusões, cabendo-nos, portanto, trazê-las para fora e assim explicá-las em suas múltiplas facetas. Contudo, deve-se levar em conta que o pesquisador não se exime da influência de seus pesquisados, e esta análise por si só não representa a totalidade das expressões que movem o universo estudado, mas persistem minimamente em explicitar um fragmento dessa totalidade.

Assim como descreve Bourdieu em sua obra *“A Distinção: crítica social do julgamento”*, as classes dominadas não intervêm nas lutas simbólicas pela apropriação das propriedades distintivas que conferem sua fisionomia aos diferentes estilos de vida, e tampouco nas lutas pela definição das propriedades que merecem ser apropriadas e do modo de apropriação legítimo, a não ser a título de referência passiva e de contraste, mas pelo que consiste no que, no mundo social, se refere à crença, ao crédito e ao descrédito, à percepção e à apreciação, ao conhecimento e ao reconhecimento - nome, reputação, prestígio, honra, glória e autoridade (Bourdieu, 2007, p. 235). Isso significa que quando o canavieiro é considerado um “podão de ouro”¹⁰, não está aí implicado o fator exclusivamente econômico, ou seja, cortou muita cana e conseqüentemente ganhará mais dinheiro, mas categorias que o classificam e o definem como viril, machão e valente; que o trazem prestigiosa valorização na região em mora (no caso do migrante sertanejo). Já no caso do operador de colheitadeira, principalmente se ele já foi um cortador, fica observado classificações tais como inteligente, desenrolado e esperto. Isso é ainda mais reforçado com o discurso do patronato, quando requerem um determinado “perfil” para atender as suas demandas. E aqui, tanto no caso do

¹⁰ Título que confere aqueles cortadores de cana mais produtores da região, ou da usina em que trabalha.

cortador quanto no caso do operador de colheitadeira, o perfil é dado não apenas como o trabalhador mais produtor, mas sim, como aquele que introjetou ou tem introjetado determinados discursos gerenciais (o colaborador, por exemplo) como forma determinante de sua atuação no trabalho. A subjetividade é algo de grande significância para estas usinas, que todo o tempo tentam se apropriar do trabalhador.

Considerações Finais

Buscou-se através dessa sucinta análise o entendimento das relações entre o Estado e o setor sucroalcooleiro de Alagoas dentro de um agitado celeiro de transformações, estruturações e reestruturações em que essa indústria está imersa, mostrando-se ampla e complexa, repleta de particularidades que se somam a generalidades das situações que envolvem o mundo do trabalho e dos trabalhadores nessa região.

Procuramos demonstrar que as situações de dominação e legitimação da desigualdade podem estar assentadas em determinados mecanismos e disposições que venham contribuir de forma ampla com esse processo. São em seu nível mais elementar, pautados por determinações que fogem ligeiramente de fatores estritamente econômicos insuficientes para explicar a totalidade dessas relações.

Como descrito por alguns autores (Bourdieu, Ortner e Scott), os determinantes que convergem para determinadas ações dos atores sociais provêm de estímulos e orientação que atravessam para além da esfera econômica; são disposições que já advêm de um processo cultural mais amplo e histórico, principalmente no que se refere à questão do campesinato. A própria migração, por exemplo, já se apresenta há décadas e é dada por inúmeros fatores, e nesse espaço temporal, os sujeitos vêm adquirindo uma série de disposições e *habitus* que os ajudavam nas mais diferenciadas situações de relacionamento com outras categorias sociais (o nordestino que se depara com o paulista e a sua forma de ser).

Portanto, ainda é difícil traçar um quadro explicativo que agregue toda a multiplicidade que envolve esse objeto. Cabe a nós fazer os primeiros apontamentos e traçar as primeiras diretrizes, pois se trata de um processo dinâmico e mutável, sendo necessária a revisão periódica desse contexto. Entretanto, nossa segunda intenção foi dar visibilidade a outra forma de análise que particulariza determinadas condições que muitas vezes não são contempladas pelas explicações economicistas da teoria geral marxista.

SANTOS, João Paulo. Recent outlines of sugarcane production and structuring and restructuring mechanisms of relationships in an unequal context of power and agency. *Percursos*, Marília, v. 1, n. 1, 2015, p. 39-51.

ABSTRACT: This brief paper aims at understanding part of the relationships involving canebrake workers in the sugarcane sector in the state of Alagoas. One of its premises is the State as a regulating and legitimizing body of specific conflicts and dominations that permeate the agroindustrial complex of Alagoas. This analysis is described under the theoretical and methodological apparatus of the contributions of authors from contemporary sociology and anthropology, such as Pierre Bourdieu, Scott Parry, De Certeau, and Ortner. This article is part of a deconstruction of the study of the object itself, since it has been largely addressed by Marxist perspective, significantly losing some elements from this context, which makes it necessary to enlarge how we look to the frequent changes that engender the universe of canebrake workers in the state of Alagoas.

KEYWORDS: Alagoas. Sugarcane. Migration. Mechanization.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho*, 5ª. ed. São Paulo : Cortez; Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. ZOUK. 2007, p. 95-107, 229-239.

_____. A demissão do Estado. In. *A miséria do mundo*. Pierre Bourdieu (Org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 215-223.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 37-51.

DIÉGUES JÚNIOR, M. *O bangüê nas Alagoas*. Traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 2ª. ed. Maceió: EDUFAL, 1980.

HEREDIA, B. A. *Formas de dominação e espaço social*. A modernização da agroindústria canavieira em Alagoas. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF:MCT/CNPq, 1988.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre agência. In: GROSSI, M. P., ECKERT, C., FRY, P. H. (Orgs). *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 45-80.

SCOTT, R. P. *Negociações e resistências persistentes: agricultores e a barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado*. Editora Universitária UFPE. 2009, p. 9-18, 73-92.

SILVA, M. A. M. & MELO, B. M. Partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. *REMHU. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. ANO XVII. N. 33. Jul/dez 2009. P. 129-151.

SILVA, M. A. M e MENEZES, M. A. *Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões*. NEAD, 2006.

Disponível

em:

http://www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/Migracoes_Rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf. Acessado em 20 de março de 2014.

SCOPINHO, R. A. et. al. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 15(1):147-161, jan-mar, 1999.

VENOSA, R. *O Gênero do Trabalho Emocional*. São Paulo em Perspectiva, 8 (1): 58-3, janeiro/março 1994.

Recebido em: 09.04.2013

Aceito em: 15.06.2013